



**O menino
dos pés
queimados**

Marcos Antonio Ferri

Essa é uma das histórias do menino dos pés queimados. E por que ele tem esse apelido? Eu digo logo:

— É porque os pés desse menino foram queimados no pó de madeira ardendo em brasa.

Sempre que ele tem que contar a história sobre o acontecido, ele para, puxa uma cadeira para ele e outra para a pessoa interessada, e começa a sua contação, mais ou menos assim:

Há muito tempo atrás, numa cidadezinha do interior, um menino crescia em meio aos trancos e barrancos, dentro de uma família numerosa. Seu pai era carpinteiro. Sua mãe era costureira. Seus irmãos e irmãs, de certa forma, eram bem ocupados em não gostar da companhia do menino. Quando diziam. "Vamos tomar banho no rio, mas você não vai...", o menino dava um jeito de sair na frente. Corria como um relâmpago e chegava primeiro no local marcado pelos irmãos. Quando diziam: "Vamos no cinema, mas você não pode ir ...", ele dava um jeito e chegava junto com os irmãos, com aquele olhar de cachorro abandonado na rua. As vezes ele não conseguia entrar mesmo, mas ficava lá fora, tentando achar uma brecha que fosse, e rápido como um gato, se colocava em um canto do cinema, com certo ar de vitorioso, para depois contar aos irmão que ele tinha assistido o filme também.

Entre idas e vindas a contra gosto de todos, o menino ficava cada vez mais longe da amizade dos irmãos. O pai estava sempre trabalhando: aqui, acolá, numa serraria, numa fazenda, e ficava dias, ou até semanas sem voltar pra casa. A mãe, coitada! Tinha que costurar para os clientes, e para socorrer a casa com mais alimentos, acabava se transformando em lavadeira. Pegava sacos enormes de roupas sujas, colocava dentro de um carro de madeira, com duas rodas e dois varaus, feito pelo marido carpinteiro. e descia até um córrego que cortava o bosque perto da casa. O menino gostava de ir junto para poder brincar no córrego.

Um dia, os irmãos mais velhos combinaram de ir numa mata que ficava nos fundos de uma serraria, para cassar passarinhos.

Os meninos gostavam de praticar tiros de pelotes de barro com seus estilingues naquela mata. O menino escutou a conversa e logo se colocou a par da situação dizendo que queria ir também.

Os irmãos disseram que era muito perigoso, e não poderiam levá-lo. Como já sabiam o que ele ia fazer, tentaram despistá-lo.

Não deu certo.

Quando estavam entrando na mata, olharam para trás e lá estava o moleque. Esbravejaram contra ele, atiraram pedras, mas nada adiantou. Continuaram adentrando a mata e em determinado local do caminho havia uma enorme cratera, onde eram depositados os restos de pó de madeira, extraídos das máquinas da serraria para serem queimados.

O único jeito de continuar a caçada era contornar a cratera e avançar. Os irmãos passaram com os colegas que os acompanhavam. Quando chegou a vez do menino, um dos irmãos olhou para ele e o advertiu para que tomasse cuidado. Ele começou a dar os primeiros passos na beira da cratera que fumegava,

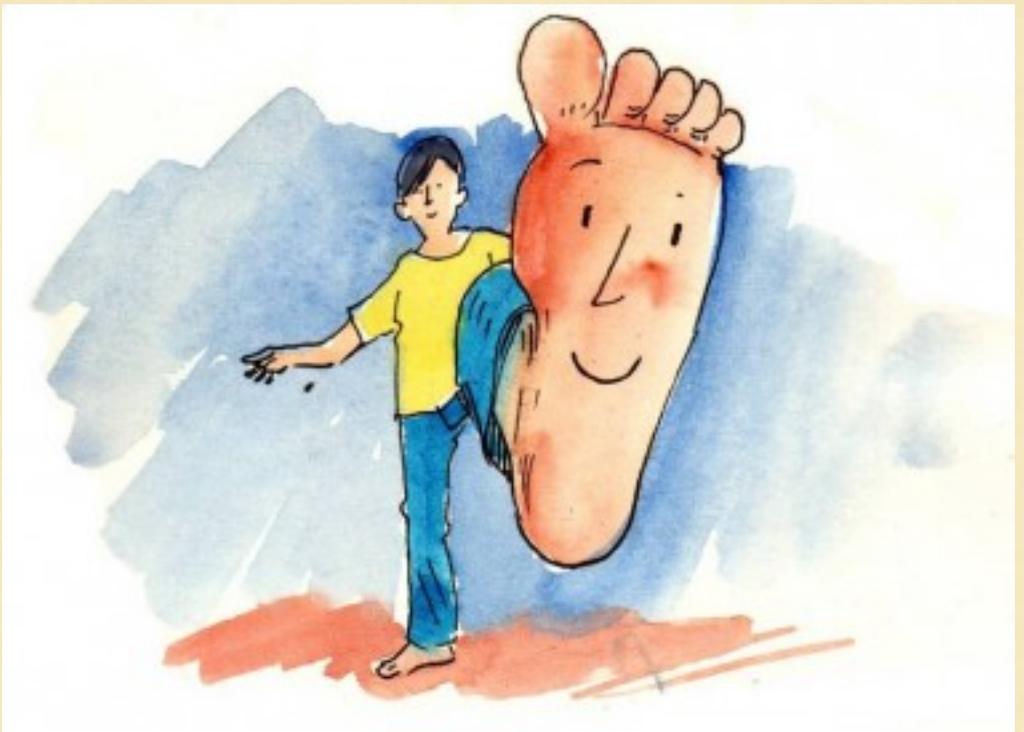
Quando avistou um pedaço de arame farpado bem no meio da trilha, resolveu pisar um pouco mais pra beirada do buraco e, nesse momento houve um deslizamento do barrando, levando o menino para dentro do buraco cheio de pó de madeira ardendo em brasas. Os gritos começaram a ecoar dentro da mata, enquanto o menino pulava tentando tirar os pés daquele lugar abrasivo. correu cerca de uns oito ou nove metros até chegar do outro lado do buraco. Conseguiu escalar até a borda da cratera.

Os irmãos e os outros meninos olhavam assustados com aquela cena, ao mesmo tempo que despejavam sua raiva sobre o menino com os pés queimados.

Imediatamente tomaram o caminho de volta pra casa. Aos gritos, e andando com os pés queimados, pois seus irmãos não quiseram carregá-lo, o menino ia passando pelas ruas, berrando feito um porquinho preso pelas patas, até chegar em casa, atraindo um bando de curiosos que queriam saber quem gritava daquele jeito e porquê. Muitos ficavam boquiabertos ao ver as enormes bolhas que se levantaram na pele dos pés queimados, outros, só criticavam os irmãos por não ajudá-lo, carregando o no colo.

Ao chegar em casa, a mãe do menino estava conversando com umas amigas, e nesse instante a conversa foi bruscamente interrompida pelos gritos. Apavorada com o que estava acontecendo, chamou as mulheres para ajudá-la a levar o menino ao hospital.

O resto dessa história, conto outra hora.



"Se alguém lhe disser
que é perigoso: ouça,
dê meia volta, e não
arrisque".

(FERRI,2021)

